NO DIA 25 DE ABRIL

Revelação Uma equipa de investigadores confirma num estudo que os distúrbios pós--traumáticos sofridos pelos ex-combatentes podem ser transmitidos, para além de às próprias mulheres, à segunda geração

Filhos de militares da Guerra Colonial com 'stress' são mais vulneráveis ao sofrimento

Polémica. Os pais escondem há décadas as suas histórias de guerra, mas a genética revela-as

JOÃO CÉU E SILVA

É o primeiro estudo científico sobre os efeitos dos traumas da Guerra Colonial nos militares que a fizeram durante 13 anos. E o resultado da investigação surpreende por indicar que 10,9% dos que estiveram em Angola, Moçambique e Guiné e que regressaram com traumas de guerra ficaram com os seus níveis hormonais alterados.

Com uma particularidade, até agora desconhecida: a de poderem ter transmitido essa alteração aos seus filhos, que ficaram mais vulneráveis ao sofrimento psíquico do que os dos cidadãos que não foram à guerra ou dos ex-combatentes que regressaram sem problemas. Essa transformação, por via dos traumas físicos e psíquicos causados pela guerra em África, foi detectada em centenas de casais e filhos que participaram numa investigação coordenada por Margarida Calafate Ribeiro, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, através da recolha de saliva e consequente interpretação dos resultados.

O estudo, a ser divulgado dentro de dias, visa também recolher memórias e efeitos decorrentes desse conflito na segunda geração, os filhos que não estiveram no conflito mas que são afectados pela experiência de guerra paterna.

Entre as várias componentes deste projecto universitário, que foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e conta com um protocolo com o Ministério da Defesa, esteve a recolha de amostras de saliva dos depoentes. Essa recolha serviu para medir as diferenças no cortisol, a hormona produzida pela glândula supra-renal que responde ao *stress* com alterações na pressão arterial, no açúcar no sangue e no sistema de imunidade do corpo humano.

> Além dos 110 mil militares que sofrem, há filhos e mulheres a somar

O resultado surpreende os investigadores por mostrar a existência de uma diferença no nível de cortisol, para mais, entre os filhos nascidos antes de o pai ter ido à guerra e os gerados após o regresso, no âmbito dos 110 mil militares que voltaram com traumas psíquicos. Refira-se que esse nível mais elevado também se verifica nos próprios militares vítimas de *stress* ou de traumas da Guerra Colonial. Estes possuem ainda os níveis de cortisol mais elevados após o regresso de África do que quando partiram para a guerra. Uma situação que também afecta as suas mulheres, segundo os dados deste estudo.

Daí que a investigação tenha inferido uma conclusão inesperada, a de que os filhos desse grupo de pais que regressaram com problemas da Guerra Colonial sejam mais vulneráveis ao sofrimento psíquico do que os de outros casais, designadamente os de famílias em que o marido esteve em África mas voltou são.

> Fica provada a transmissão geracional de traumas de guerra

Um resultado muito polémico e que pode acrescentar aos 110 mil militares que regressaram de África com estas complicações um número razoavelmente superior de outros cidadãos também vítimas do conflito que opôs os portugueses às populações desses territórios, entre 1961 e 1974. Uma faixa de população por norma não incluída nessa contabilidade pelo Estado, à qual se deve ainda acrescentar uma quantidade de vários milhares de mulheres, as casadas com estes militares, que possuem igualmente níveis de cortisol mais elevados do que os que teriam antes. Feitas as contas, o número de vítimas do *stress* e trauma de guerra poderá ser bem mais elevado do que é até agora dado como oficial.

Da leitura deste estudo, pode concluir-se que há "uma transmissão geracional da vulnerabilidade", que – explica a psiquiatra Luísa Sales, uma das investigadoras deste projecto – revela e confirma uma "manifestação de sofrimento psíquico acrescido" nos familiares dos militares que combateram em África.

As conclusões, no entanto, não se ficam por aqui, e, dos depoimentos recolhidos para este estudo, configura-se que o militar que regressa com trauma de guerra teria sido, numa grande parte dos casos, "vítima de mau trato infantil e negligência na infância". Situação que, no caso da "negligência", se reproduzirá na relação dos ex-combatentes para com os seus filhos. Neste caso, o militar terá predisposição para negligenciar os filhos após a experiência africana traumática, demonstrado através de um comportamento ausente.

O estudo não confirma se esta transmissão da vulnerabilidade é genética ou se resulta mediante um aprendizado, mas não coloca em dúvida que se verifica a passagem de maior capacidade para o sofrimento de pai para filho.

Outra das conclusões do estudo

QUATRO CASOS DE FILHOS DA GUERRA COLONIAL

Filha de ex-combatente mobilizado

› Nasceu em Lisboa em 1970 e viveu em Moçambique entre 1971 e 1974. Não se lembra dessa parte da infância, nem tem ideia de quando ouviu o pai falar pela primeira vez sobre a Guerra Colonial. Considera que o assunto era um trauma nacional e só terá ouvido algo sobre o tema na década de 80. Tem a certeza de que não foi por iniciativa do pai, pois, da sua história militar, o "máximo que teria ouvido era a história da ida para a Guiné e do navio". Anos depois, encontrou em casa dos avós uma mala com fotografias dos tempos da guerra e sentiu curiosidade por ver o pai vestido de militar. Como o pai lhe pediu ajuda para organizar essas recordações, foi nesse momento que o confrontou com a questão. Incomodou-a ouvir a explicação de uma das fotografias, onde o pai estava junto de um africano prisioneiro, que acabaria por ser morto: "Isso incomodou-me". Acrescenta: "Abstivemo-nos de comentários, mas fui-lhe dizendo que a guerra não tem só um lado e que essas versões não coincidem." Refere que o pai não fala muito sobre esses tempos. Não é por os ter apagado da memória, mas por se sentir "profundamente injustiçado".

Filho de militar de carreira

› Recorda-se de que o pai fez opção por ser militar em vez de seguir outra profissão, como foi o caso dos irmãos. Começou por baixo até chegar a oficial, esteve em todas as províncias, e só não foi pai na Índia porque esta foi perdida em 1961. Foi para Moçambique e depois Angola, onde ele nasceu. A primeira memória que tem de chegar a Luanda é de a terra ser muito vermelha e de ver um africano a varrer a pista. Depois, lembra-se de que o pai foi destacado para as "terras de fim do mundo". Na escola, sentiu a diferença entre cá e lá, designadamente por haver cenas de pancadaria entre as crianças. Um dia, o pai disse-lhe: "Filho, defende-te!", e foi o que fez. Considera que os portugueses se achavam um povo de brandos costumes mas, também, eram mais racistas: "A taxa de miscigenação que existe nos sítios por onde passámos é altíssima, porque o português quando quer ir para a cama com uma mulher não é racista." Quanto à guerra, lembra-se de apanhar casquilhos de bala do chão, de haver buracos nas paredes e de andar em colunas militares. Mas, sobre o conflito ser tema de conversa em casa, a resposta é clara: "Não. As pessoas viviam com a cabeça enterrada na areia."

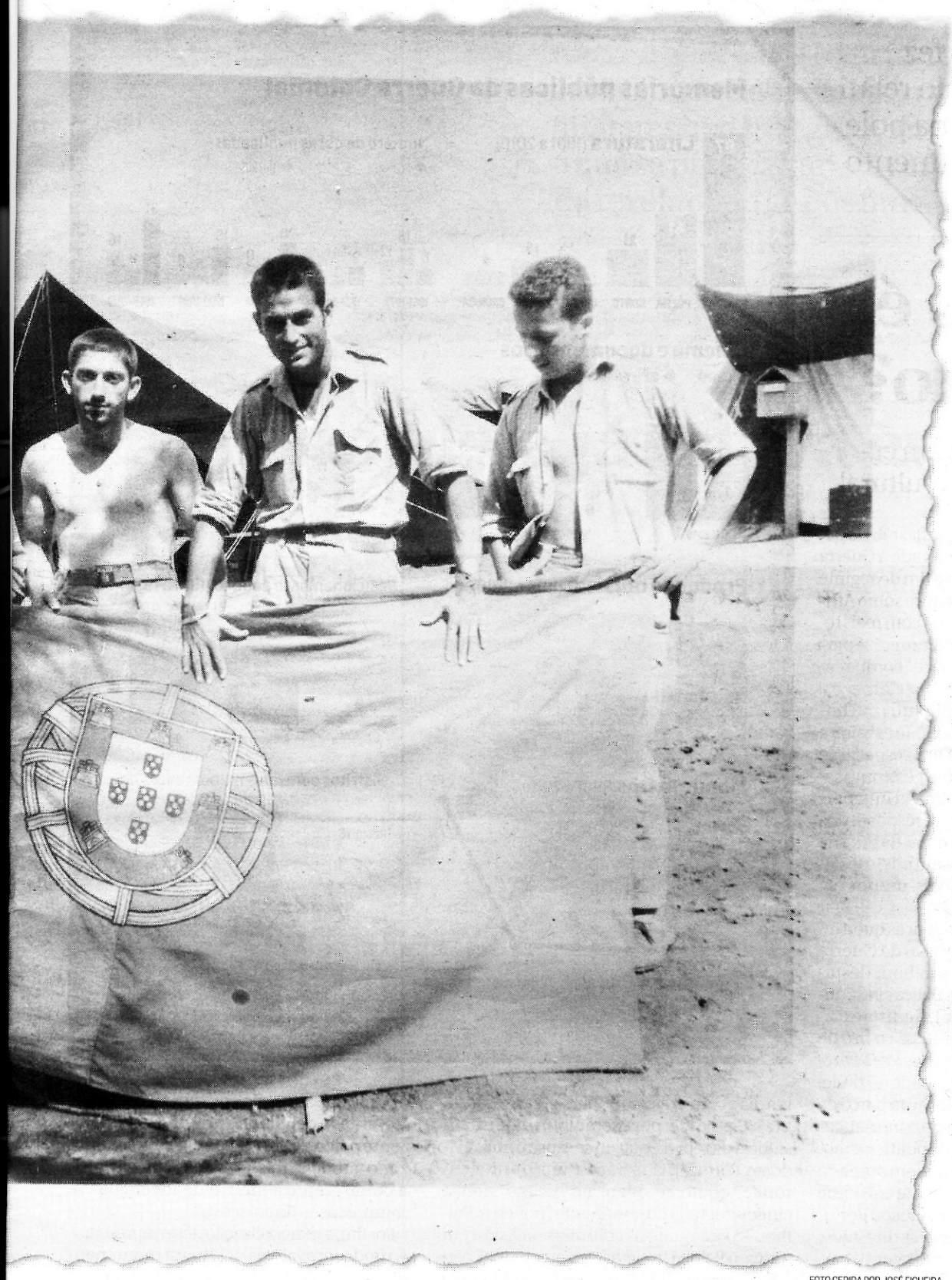


FOTO CEDIDA POR JOSÉ FIGUEIRA

Descendentes sofrem negligência na infância

IGNORAR Muitos dos filhos dos militares só souberam da participação dos pais na guerra já na adolescência. Até lá, foi um tema tabu

O estudo da hipótese de transmissão intergeracional de vulnerabilidade ao trauma é uma vertente do projecto *Os Filhos da Guerra Colonial*. A hipótese foi analisada no âmbito da psiquiatria, método também já utilizado em países com situações semelhantes ou nas vítimas do Holocausto, conforme refere um dos investigadores, António Sousa Ribeiro.

Para detectar os possíveis efeitos sobre os filhos de ex-combatentes, o estudo procurou "detectar uma marca biológica de transmissão geracional do trauma", através da variação dos níveis de cortisol salivar, e, também, "pela transmissão de padrões de funcionamento emocional potencialmente desadaptativos".

De acordo com os investigadores, sabe-se que a perturbação de *stress* pós-traumático "motiva frequentemente a imprevisibilidade nas reacções, para além de modificar o comportamento e a afectividade das pessoas". Ou seja, consideram, as "consequências da exposição a vivências traumáticas podem ultrapassar a barreira individual e atingir os membros da família por um processo designado de 'traumatização secundária, traumatização vicariante ou fadiga da compaixão'".

O projecto foi realizado com múltiplas entrevistas junto de dois grupos distintos: os filhos de homens que foram à guerra e que não foram. Do primeiro grupo isolaram os mais marcados pela vivência ou opção do pai relativamente à Guerra Colonial e que regressaram com perturbações psicológicas ou físicas. Neste grupo, os testes psicométricos mostram dados que "acusam a marca na infância de alguma negligência, predispondo para a vulnerabilidade" jovens que desde cedo lidaram com situação de conflito, violência e estranhamento em casa e que só mais tarde, e por norma através da mãe, entenderam a razão.

Segundo um dos depoimentos recolhidos, esta vivência repercute "uma guerra onde nunca esteve". Esta herança traumática, concluem, cria nos filhos duas atitudes: o evitar do tema de conversas sobre ele; ou o oposto, a vontade de compreender o que foi a Guerra Colonial. De acordo com testemunhos, "para que as coisas façam algum sentido, é preciso compreender", mas a resposta é quase sempre insatisfatória porque gera a "vitimização do pai e a revolta" ou "agudiza o espanto e a interrogação sobre o silêncio que na esfera pública se tece à volta da guerra". O que se verifica é o receio dos filhos em provocarem uma crise por quererem perceber o que se passou com o pai, que, mesmo com o passar de décadas, ainda não o superou. Curiosamente, muitas das crianças só muito tarde souberam da participação do pai no conflito em África.

é que nem todos os filhos da Guerra Colonial herdam essa vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, há alguns que a superam. Facto que, face aos resultados deste primeiro estudo sobre a questão, induz a pensar que a transmissão não será por via bioquímica.

O projecto *Os Filhos da Guerra Colonial* contém outras vertentes do estudo, tal como a dificuldade do pai em transmitir as vivências em cenário de guerra. Para a coordenadora [ler entrevista na Última Página], é uma situação compreensível e partilhada por outros povos europeus: "São guerras inconfessadas e inconfessáveis."

ASSIS PACHECO

O primeiro poeta da guerra absurda

› O caso do escritor Fernando Assis Pacheco mostra outro lado da guerra. A mobilização provocou-lhe o primeiro momento de trauma de guerra porque o pai exigiu a sua ida para África em nome de uma pátria "una e indivisível", ou ia ele próprio. Em Angola, escreveu os primeiros poemas sobre o conflito e em 1964 regressou, retirado pelos Serviços de Neuropsiquiatria, com o diagnóstico de "neurose de guerra".

Filho de ex-combatente com 'stress' pós-traumático

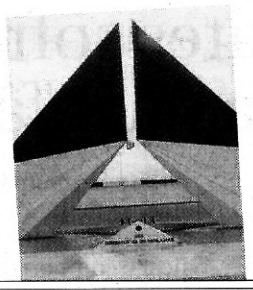
› Desde muito jovem que se recorda de ver o pai chegar a casa para almoçar e de este ir para o quarto descansar, porque lhe doía a cabeça. Era o que a mãe lhe dizia e no que acreditou até entender que tinha a ver com *stress* pós-traumático. Diz que na altura ainda não se falava em psiquiatras mas em neurologistas, que acompanhava casos como o do pai, que iniciou consultas aos 30 anos. O filho considera que a mãe tentou sempre levar o marido aos melhores médicos, mas o tratamento não surtia efeito. Mesmo assim, diz, durante 20 anos o pai foi sempre um ídolo para ele, tal como a mãe, porque era uma pessoa com destreza, astúcia e capacidade fora de série. Nas consultas, o pai ia sempre acompanhado pela mulher, porque "se vão sozinhos, evitam falar do tema". Houve um psiquiatra que decidiu interná-lo: "O senhor parece um tropa a chegar da Guerra das Maldivas. Tem quarenta e tal anos e o cérebro de um velhinho!" Então, decidiu interná-lo por um mês mas o resto da família dizia que não era preciso, porque achavam que ele estava bem. Foi preciso uma grande imposição por parte do médico. Até hoje, o filho continua a acompanhar o pai nas consultas.

Filho de um refractário

› Nasceu em 1965, em Paris, onde viveu até 1974. O pai era contra o regime, foi preso e partiu para exílio com a mãe. Sobre esses tempos, sabe muito pouco de concreto e até acha que o seu relato pode ser fantasioso. A imagem que tem do pai era a de quem nunca iria à guerra: "É um homem que eu vejo com uma viola na mão e nunca com uma espingarda. E foi a viola, durante muito tempo, a arma dele." Considera que tem com o pai uma relação especial, mesmo que ele se ache incompetente sobre a sua infância e que compense na relação com os netos. Quanto ao facto de o pai não ter ido à guerra, isso não o preocupa; é até um motivo de orgulho e garante que faria o mesmo: "Se tivesse ido para África, seria engolir não um sapo, mas um elefante!" Costuma ver reportagens sobre a Guerra Colonial mas critica o que está escrito nos manuais escolares, por ser muito estereotipado. "Por mais que seja santa, a guerra é guerra." Quanto a falar de África com pessoas da sua geração, que os pais também tenham sido desertores, é situação que não acontece: "Nunca falámos muito disso. Não sei se é algum mecanismo inconsciente para apagar qualquer coisa."

Revolução

NO DIA 25 DE ABRIL



Igual O 25 de Abril fez outro tipo de silêncio relativo à guerra. Visível na polémica sobre o monumento ao ex-combatente

"Porque camandro é que não se fala nisto?"

Representação. A repercussão da guerra tanto era escondida pelas famílias como de pouca expressão cultural

O levantamento da representação na sociedade daquilo que foi a Guerra Colonial é outro dos ângulos estudados nesta investigação, que se manifesta claramente sob a mesma tentativa de apagamento que sofre a transmissão de memórias entre pais e filhos. Conclui o estudo *(ver gráficos à direita)* que há uma manifestação cultural dos efeitos da guerra dominada pela literatura que, ao contabilizar-se a produção, mostra como a edição é desequilibrada: 14 títulos publicados antes do 25 de Abril e 134 no pós.

Segundo as conclusões dos investigadores, desde o início da Guerra Colonial que a literatura está presente como expressão do que se passa e imediatamente se posicionou de duas formas: a favor e contra. Os primeiros livros eram facilmente editados, enquanto os segundos restringidos pela censura. Consideram que, ao colocarem-se num ou noutro lado da trincheira, os autores definiram a sua posteridade. De um lado, refere-se, "o *corpus* de literatura então autorizado para publicação traz nomes irrelevantes no tecido literário português de hoje, como de então". Em causa estava o sentido oficial dos escritos, que "pretendiam reinventar um mito"; legitimar a participação no conflito e doutrinar os portugueses no contexto ultramarinista.

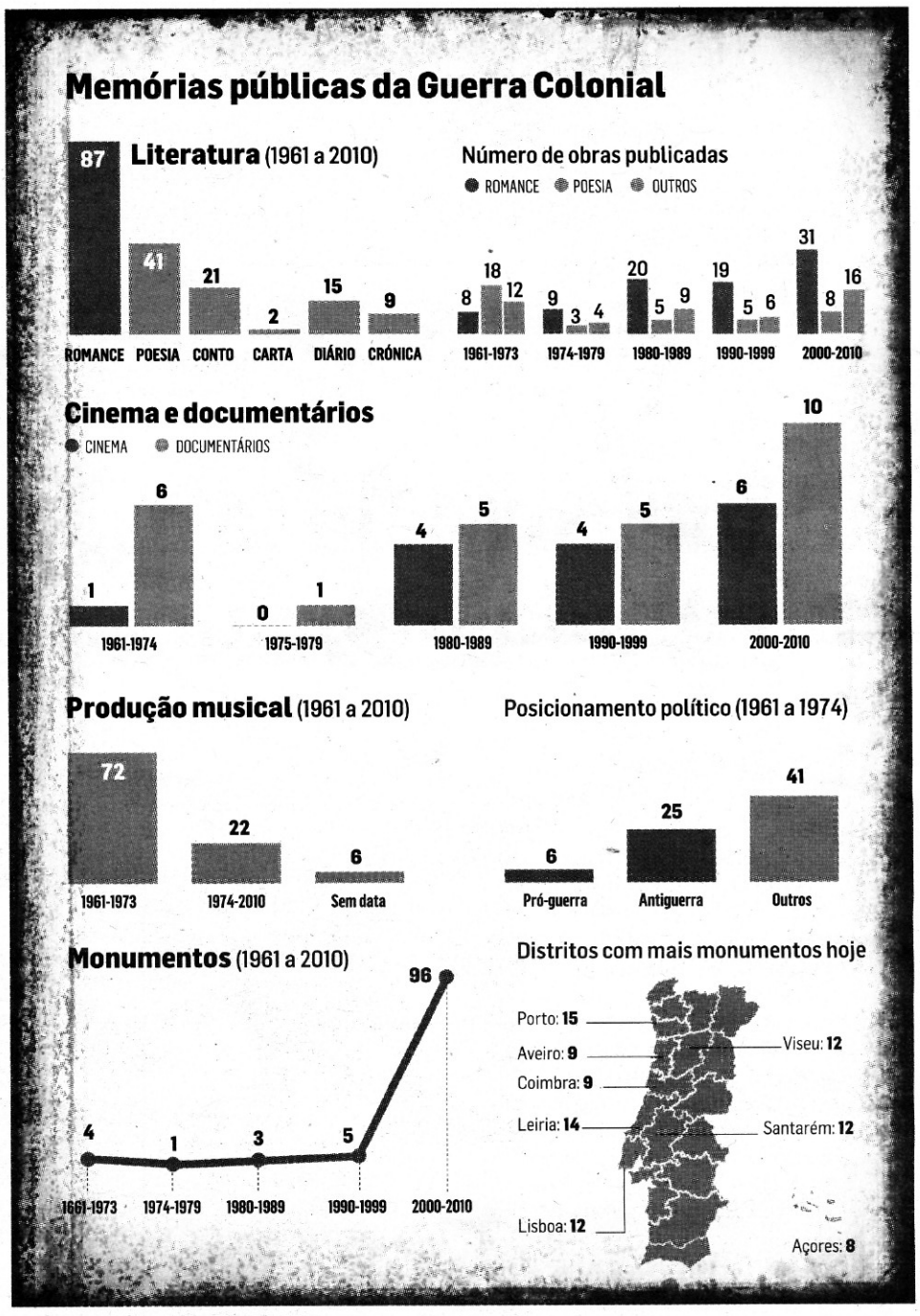
> Portugal não é o único país europeu a esconder a guerra

Ao mesmo tempo também surgiram autores que desafiavam a crença oficial, como será o caso da poesia de Manuel Alegre ou de Fernando Assis Pacheco, que "irão marcar a escrita sobre a guerra à época e ficarão no património literário português ligado à Guerra Colonial". Mas, será só após o fim do regime que aparecerá a grande literatura sobre África – não antes da década de 80 – com mais regularidade. António Lobo Antunes irá perguntar no seu primeiro romance "Porque camandro é que não se fala nisto? Começo a pensar que o milhão e quinhentos mil homens que passaram por África não existiram nunca e lhe estou contando uma espécie de romance de mau gosto impossível de acreditar." Uma pergunta que só terá resposta três décadas após o fim da guerra, quando se passam a livro testemunhos pessoais, muitos em edição de autor.

É nas artes plásticas que a representação social da Guerra Colonial terá um bom destaque, com relativa expressão pública ainda durante o conflito. Logo em 1961, o artista exilado Bartolomeu Cid dos Santos dá o tiro de partida com a gravura *The Portuguese Man of War*. "Jogando com a ambiguidade do título, que significa simultaneamente um barco de guerra português e uma alforreca mortal, coloca num barco todo o elenco político e religioso que dominava o País e que em nome da nação, mas também seguramente em nome da sua manutenção no poder, colocou Portugal na Guerra Colonial", escreve-se no estudo, que acrescenta que "na gravura escura o barco vai inequivocamente rumo ao abismo".

No âmbito do cinema, aos olhos de hoje em dia e com o dilúvio de filmes realizados sobre o Vietname, por exemplo, é onde a deficiência da representação se mostra mais evidente. Portugal não será caso único a nível europeu, como se refere no estudo, pois a cinematografia do continente "pouco trabalhou as suas guerras coloniais na Ásia e em África: o Reino Unido, a Itália ou a França não terão na generalidade muitos mais filmes sobre as suas guerras coloniais que Portugal tem sobre a sua". Situação contrária à do teatro, que "antes e depois do 25 de Abril foi literalmente palco de afirmação cívica e política". Como também, refere-se, se sentiu na música como "representação de ideologias" e "compreensão do colectivo".

Por fim, a materialização desta representação pode ser avaliada pela baixa monumentalização inicial e a polémica criada com o monumento aos ex-combatentes.



Refazer memória da 2.ª geração

PRESERVAR 230 entrevistas a pais, mulheres e filhos cruzam os testemunhos de quem protagonizou a guerra com quem os ouviu ou não

O projecto *Os Filhos da Guerra Colonial* é o primeiro estudo sobre a Guerra Colonial portuguesa a partir da visão da segunda geração. Segundo a coordenadora Margarida Calafate Ribeiro refere *(ler entrevista na última página)*, esta "foi uma guerra silenciada" e, para a entender, é necessário partir de "uma abordagem interdisciplinar, de que resultam novas possibilidades de reinterpretar um momento histórico recente que marcou profundamente a sociedade".

O que se pretende com o trabalho é a "reconstrução da memória – possível – da segunda geração: dos filhos dos ex-combatentes de uma guerra denegada, de modo a evidenciar como os traumas familiares podem ter condicionado as relações e as representações dentro do contexto familiar em Portugal". No início da investigação, os responsáveis consideraram a necessidade de se fixar a pós-memória da segunda geração face à ausência do testemunho directo, de modo a que se evitasse essa perda da memória pública. O projecto recolheu os dados para "compreender as memórias que estão a ser herdadas pela geração filha daquela que teve o azar histórico de protagonizar a guerra" – foram feitas 230 entrevistas com os pais, mulheres e filhos para cruzar os depoimentos de ex-combatentes com os receptores. Alguém para quem, concluem, "a guerra não faz parte profunda da sua narrativa identitária" e é "uma representação por não ter a titularidade da experiência".

As mulheres foram cúmplices no silêncio

PAPEL "O pai é biblicamente a figura da autoridade, aquele que, de alguma forma, impõe a lei do Estado, mas é também a figura do sofrimento calado e da impotência face a uma autoridade maior que lhe leva o filho e face ao sofrimento da mãe." Esta é uma das afirmações contidas neste estudo, que demonstra haver ainda um lado por estudar com profundidade no rescaldo dos traumas sofridos com a participação na Guerra Colonial. Que é aflorado neste projecto, colocando-as também como vítimas cúmplices do sofrimento psíquico dos maridos.

Para as mulheres, refere-se, a guerra foi "essencialmente um percurso de perdas", representado "fortemente pela mãe enquanto figura de protecção do 'menino na guerra'; de sofrimento, classicamente ligada à imagem da *mater dolorosa* e de mãe que vê na guerra a destruição da função de maternidade". Por isso, acrescenta-se, "o discurso clássico militarista de apelo à guerra espera delas esse contributo para a defesa da pátria".

ALEGAÇÕES FINAIS INVESTIGADORA ESTUDA TRANSMISSÃO DE TRAUMAS DA GUERRA COLONIAL

"As crianças sentem-se numa guerra que nunca viveram"

JOÃO CÉU E SILVA

Surpreende-a como investigadora que, 37 anos após o "fim" da Guerra Colonial, ainda existam tantos mistérios em torno dos ex-combatentes e das suas famílias?

A Guerra Colonial foi uma guerra silenciada: antes do 25 de Abril porque não estávamos em guerra, mas em "missão de soberania", apesar do efectivo conhecimento que dela tinham praticamente todas as famílias portuguesas; depois do 25 de Abril, pela incapacidade de lidar com tão pesada herança que atingia praticamente toda a sociedade. Então, silenciou-se a guerra.

Situação que se mantém até à actualidade?

Hoje a memória desta guerra liga-se a três momentos históricos, marcantes e intimamente cruzados: o final da ditadura, o 25 de Abril e a descolonização. A grandeza destes acontecimentos na história contemporânea e a quase inexistência de estudos da história colonial permitem que a Guerra Colonial seja vista como algo externo e não profundamente interno a Portugal e aos países africanos, entretanto independentes.

Que conclusão é que mais a surpreendeu?

Na verdade foram duas e de carácter bem diferente. O facto de haver tantos filhos com infâncias tão marcadas pela herança da Guerra Colonial e de ninguém falar nisso. Há situações dramáticas de crianças que sentem que estiveram numa guerra que nunca viveram. E também de o tema da Guerra Colonial estar a inspirar o trabalho de vários artistas filhos da guerra, do teatro às artes plásticas, da literatura ao cinema.

FERNANDO FONTES/GLOBAL IMAGENS

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

Investigadora e coordenadora de 'Os Filhos da Guerra Colonial: Pós-Memória e Representações'

> *"Não há grande sensibilidade para pensar que uma guerra não acaba com o cessar-fogo e o quanto ela afecta as mulheres e a geração seguinte"*

Foi difícil contar com a colaboração das famílias para este estudo?

Não, tivemos uma adesão imediata, motivada também por muita curiosidade. Foi um momento que pôs em diálogo a família, a partir do tema da Guerra Colonial.

Acredita que vai ter eco na sociedade?

Temos dados muito interessantes para trabalhar e mostrar como é importante que nos conheçamos enquanto comunidade, para que haja uma memória da guerra que seja de todos e não apenas dos que tiveram o azar histórico de a protagonizar. O projecto contribui para pensar o que foi a Guerra Colonial, e pensamos que vai problematizar a nossa memória colonial e os seus reflexos hoje.

A situação dos militares é comentada, mas a dos filhos foi sempre relegada a um lugar secundário nestes 50 anos de guerra. Porquê?

Faz parte de mais uma das facetas do silêncio. Não há grande sensibilidade para pensar que uma guerra não acaba com o cessar-fogo e o quanto ela afecta as mulheres e a geração seguinte. Por outro lado, a narrativa da Guerra Colonial não é central nas identidades dos filhos, como é para os pais.

Ainda mais silenciado é o sofrimento das mulheres dos militares. Estranha esse facto?

Sim, foi com as mulheres que percebi a dimensão da ferida aberta e como estava a passar para a geração seguinte. Lembro-me de me dizerem: daqui a 20 anos como é que eu vou contar isto aos meus filhos? As mulheres são o grande apoio, o grande garante do retorno a uma certa normalidade familiar e social. Têm um papel central para os maridos, para os filhos e para a sociedade.

(Ver noticiário em Actual, págs. 2 a 5)